

TRILHA URBANA NO CÓRREGO DA MATA EM LONDRINA (PR)

URBAN TRAIL THE MATA' STREAM IN THE LONDRINA CITY, PARANÁ STATE (BRAZIL)

Eloiza Cristiane Torres

Geógrafa. Doutora em Geografia. Professora adjunta da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

Maria Inês Bertolino

Licenciada em Letras Franco-Portuguesas. Especialista em Educação Ambiental.

Natália Micheli Villa

Geógrafa. Mestre em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL).

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo apresentar uma área com substancial potencial para a implantação de uma trilha urbana, denominada por “Trilha da Mata”. A área inicia-se no córrego da Mata e, com percurso de aproximadamente 2.500 metros, em campo aberto e alguns trechos no interior de uma mata nativa, segue o curso do ribeirão Cambe até o Lago Igapó IV, no município de Londrina (PR). A proposta é que trilha sirva, além de uma atividade esportiva e de lazer, para se desenvolver atividades didáticas e de educação ambiental.

Palavras-chave: Trilha urbana; Londrina; córrego da Mata.

ABSTRACT: *This article aims to present the region encompassed by the Mata' stream, in Londrina, Paraná state (Brazil) as a potential area for the existence of an urban trail. A proposal is that this trail suits in addition to a sports activity such as walking; it would be drawn in order to develop teaching activities such as environmental education.*

Keywords: *Urban trail; Londrina; Mata' stream.*

INTRODUÇÃO

Trilhas e caminhos, para Lechner (2006), são provavelmente as rotas de viagem mais disseminadas pelo mundo. Mesmo com as rodovias modernas, para milhões de pessoas, as trilhas ainda são rotas básicas de acesso ou de viagem, mesmo em áreas urbanas modernas. Em áreas rurais protegidas, a trilha pode ser o único acesso à maior parte da região.

Podemos definir o termo “trilha”, como sendo pista, um caminho; também, pode-se dizer que trilhas são estruturas para ampliar a percepção, curiosidade e criatividade, com vivências práticas que permitem descobrir significados e características do local. Na área de turismo, as trilhas são consideradas atrativos turísticos que ensinam sobre o patrimônio ambiental, cultural e histórico.

Provavelmente as mais antigas trilhas surgiram como consequência direta dos movimentos migratórios dos grandes mamíferos, principalmente herbívoros, fugindo do inverno rigoroso. O ser humano começou a utilizar e/ou estabelecer trilhas para vários fins, desde a simples procura de alimento (trilha para caça) e água, até peregrinações religiosas, viagens comerciais e ações militares.

Conforme Andrade & Rocha (1997), a principal função das trilhas sempre foi suprir a necessidade de deslocamento de pessoas e animais, no entanto, pode-se verificar que ao longo dos anos houve uma alteração de valores em relação às trilhas, passando de simples meio de deslocamento para tornar-se um novo meio de contato com a natureza, incorporando um novo sentido e recebendo um grande número de adeptos.

As trilhas em áreas naturais protegidas desempenham, tanto a função de prover o acesso e oportunidades recreacionistas aos visitantes, quanto proteger o recurso (PASSOLD, 2002). Portanto, seu planejamento e construção devem obedecer a uma série de pressupostos para que atenda, tanto às necessidades dos usuários, como à conservação da área onde está inserida.

Moore (1993) sugere que as trilhas devem ser simples, bem sinalizadas e construídas com técnicas e materiais adequados às características particulares de cada área, não sendo prático, nem desejável, a construção de caminhos muito complicados.

As trilhas possibilitam uma grande diversidade de eixos temáticos e abordagens ecológicas e suscitam uma dinâmica de observação, de reflexão e de sensibilização. As vantagens das trilhas resultam no ônus relativamente baixo para sua estruturação, o que é providencial num país como o Brasil, onde há uma alta diversidade biológica e uma grande escassez de recursos.

Assim sendo, interagir com o meio ambiente, aprender a história da cidade, redescobrir as belezas naturais, como a fauna e a flora, através de trilhas, é uma ótima maneira para quem deseja explorar a cidade por ângulos poucos convencionais.

A idéia de educação ambiental associada às trilhas urbanas tem como intuito atribuir a compreensão por meio da observação e reflexão. Para Tristão (2008, p. 10):

[...] a trilha de interpretação da natureza trata-se certamente de uma das metodologias que está se consagrando dentre os educadores ambientais, pelas possibilidades de trabalho que apresentam dentro do foco interdisciplinar e transversal do processo educativo que aborde a relação homem e ambiente.

Sendo assim a trilha:

[...] é uma prática educacional realizada ao ar livre cuja finalidade é o desenvolvimento educacional do ser humano que, durante um determinado percurso, interage em diferentes escalas com o meio ambiente natural ou construído. Estratégia utilizada na Educação Ambiental para promover a integração entre o homem e o meio ambiente, as trilhas interpretativas são instrumentos que pressupõem uma metodologia interdisciplinar, articulando diversas áreas do conhecimento (TRISTÃO, 2008, p. 10).

O mesmo autor relata as práticas de trilhas monitoradas, em educação ambiental, desenvolvidas no Parque Jardim da Luz, em São Paulo (SP), no período que

abrange os últimos dez anos; servindo como modelo para a implantação de trilhas em outros parques, formação de monitores e desenvolvendo uma metodologia interdisciplinar para utilização de trilhas monitoradas no processo de educação ambiental não formal. As trilhas monitoradas possuem algumas das estações, onde as pessoas além de receber informações históricas e geográficas específicas, participam de dinâmicas e oficinas destinadas a trabalhar temas ambientais específicos como lixo, biodiversidade e questões sócio-ambientais, pertinentes à área.

Na experiência de Cazoto & Tozoni-Reis (2008), com o trabalho “Construção coletiva de uma trilha ecológica no cerrado”, o objetivo foi despertar o “crítico-ambiental” com a integração do ambiente natural e urbano. O trabalho foi realizado com alunos de 8ª série do Ensino Fundamental, onde foi construída uma trilha ecológica no Cerrado, onde os estudantes participaram no: planejamento, realização e avaliação das trilhas; estudando as características do Cerrado, identificando as espécies remanescentes, discutindo as condições de conservação da área e, decidindo como construir a trilha num recurso educativo. O projeto abordou a metodologia da pesquisa-ação-participativa, os conhecimentos foram construídos, discutidos, planejados e colocados em prática, estabelecendo-se, com êxito, um processo de educação ambiental.

Maciel *et al.* (2010) propõe um projeto de Trilhas nos Parques, utilizando as áreas verdes como ferramenta para trabalhar a educação ambiental por meio da integração durante a caminhada por trilhas, onde são mostradas as particularidades dos parques, trazendo o respeito com o meio ambiente, a identidade cultural, a fauna e a flora.

Em Londrina, somente na área urbana, existem 84 cursos d'água. A demarcação de uma trilha urbana, ora proposta, ao longo do curso do ribeirão Cambé, com início à Rua Armando Balaroti e prolongamento até o Lago Igapó IV, vem contribuir para a utilização de novos espaços públicos cujas condições naturais sejam mantidas e possibilitando, à população, desfrutar de espaços onde o exercício físico combinado com a recomposição mental, proporcionará uma forma de recreação econômica e sadia, promovendo o contato mais estreito entre homem e natureza, além de facultar o conhecimento da fauna e flora, e motivando sua preservação.

CARACTERÍSTICAS GEOGRÁFICAS NA ÁREA DA TRILHA

Na área de estudo, as rochas aflorantes pertencem à Formação Serra Geral (Grupo São Bento). Trata-se de rochas ígneas básicas que ocorrerem na forma de corpos intrusivos ou em derrames, fruto de vulcanismo fissural, com idades próximas a 120 milhões

de anos. Os basaltos apresentam-se pretos a cinza-escuros, maciços e por vezes vesículo-amigdaloidais.

Geomorfologicamente, a área localiza-se no Terceiro Planalto Paranaense, uma região levemente ondulada, com chapadas de encostas suaves. A topografia está subordinada aos níveis de eruptivas, as camadas de *trapp* deram lugar às plataformas estruturais que regulam a progressão de erosão (BIGARELLA, 1947. p. 667).

O solo é de origem basáltica de profundidade variável, podendo chegar a dezenas de metros; no entanto, perto do córrego, o solo pode chegar a menos de um metro de profundidade, geralmente a água escoar sobre a superfície do basalto. Predominam solos: Terra Roxa Estruturada, Latossolo Roxo, Litólico e Hidromórfico (LONDRINA, 2007, p. 11).

De acordo com os estudos de Faria (2005) os solos apresentados nas proximidades do Córrego da Mata são: Nitossolos Vermelhos Eutroféricos, Latossolos vermelhos Distroféricos e Latossolos Vermelhos Eutroféricos.

Segundo Maack (2002) a vegetação original é classificada como floresta tropical subperenifólia; porém, está praticamente ausente na região devido à ação antrópica. A destruição das florestas primitivas, no estado do Paraná, provocou um desequilíbrio nas médias de temperatura. Pela classificação de “Koppen” o clima do local é do tipo cfa (clima subtropical úmido), suas características são: sem estação seca, chuvas bem distribuídas e verão quente. A temperatura média é superior a 25,5° C no mês mais quente e inferior a 16,4° no mês mais frio. Segundo Araújo (2004):

[...] Os meses mais quentes do ano, ou seja, os de totais térmicos mais elevados são os meses da estação de verão, com mais frequência em dezembro, janeiro e fevereiro, que coincidem com o solstício de verão sobre a área. Ao contrário, os meses mais frios, junho e julho, coincidem com o solstício de inverno. Julho é considerado o mês mais frio do ano e é também o mês de maior incidência de geadas na área, de maior ocorrência, nos fundos de vales (Araújo, 2004, p. 90).

O total pluviométrico do município varia de 1500 a 1700 mm, sendo os meses de dezembro e janeiro os responsáveis pelos maiores índices anuais pluviométricos; em agosto os índices são da ordem de 60 mm, configurando o período de estiagem (ARAÚJO, 2004).

[...] O clima da região tem sofrido elevação das médias anuais, porém as chuvas têm se apresentado mais concentradas em meses, dias e horas. Em termos de tendências pluviométricas, associadas à térmica (aquecimento), análises apontam para um pequeno ressecamento do clima da região de Londrina (ARAÚJO, 2004, p. 92).

Na área do córrego da Mata ocorrem as seguintes classes de declives: declive de 0 a 3%, com relevo plano ou quase plano, onde o escoamento superficial (deflúvio) é

lento ou muito lento; declive de 3 a 6%, compreende áreas com declives suaves, onde geralmente o deflúvio é lento ou médio, a erosão hídrica não oferece problema; declividade 6 a 12% envolvem áreas com terrenos inclinados, e relevo geralmente ondulado; declive de 12 a 20% o deflúvio é médio ou rápido apresentam terrenos inclinados em relevo ondulado e em terrenos forte ondulado.

Conforme Faria (2005), o relevo regional possui altitudes que vão de 550 a 610 metros e as declividades variam entre 0% a 30%:

[...] Algumas poucas áreas dos cursos hídricos localizam-se em áreas com declividades mais acentuadas, são elas: a área de nascente do córrego da Mata, localizada no interior da Mata da Confepar, inteiramente protegida por este remanescente (FARIA, 2005, p. 141).

A bacia do ribeirão Cambé, como um todo, apresenta drenagem de média a baixa densidade, tem padrão de subparalelo à dentrítico com vales fechados. As planícies aluviais, com relevos praticamente planos, estão associadas à deposição de sedimentos fluviais. De acordo com a classificação de Christofolletti (1980), o escoamento na microbacia é endorreica, onde as drenagens são internas, desembocando em lagos (artificiais, no caso).

Segundo Balestrine (2006), a área local contém a *Typha domingensis* ou taboa, uma hidrófita (aquática) típica de brejos, manguezais, várzeas e outros espelhos d'água. Ela é benéfica para este local por ser uma espécie depuradora de águas poluídas, absorvendo metais pesados. Algumas espécies frutíferas são importantes para a sobrevivência de animais e aves, como as amoreiras, goiabeiras e pitangueiras.

TRILHA URBANA

A Trilha Urbana proporciona um contato direto com o ambiente natural da cidade e permeia a visão holística do mundo, promovendo uma reflexão sobre o ambiente que catalisa o movimento da cidade. Dentro do processo de educação ambiental, a trilha urbana tem perfil educativo com um olhar diferenciado para o meio e para a qualidade de vida da comunidade.

Caminhar num cenário sem mudanças se constitui numa experiência bastante monótona. Nas grandes metrópoles, nos shopping centers, nas grandes avenidas, os pés são forçados a caminhar aquilo que os olhos já percorreram, tornando-se assim o caminhar como uma forma de sofrimento, sem a descoberta de novas paisagens. Os pés se tornam escravos dos olhos e se caminha no sentido de cobrir distâncias. A vitalidade das cidades

depende do caminhar e a liberdade das pernas provoca a liberdade da mente, conclui Hillman (1993).

Segundo Bruhns (1999), a caminhada não é um meio, mas um fim, colocando os sujeitos diretamente em contato com a natureza e possuindo um interesse estético relacionado a um divertido jogo de idéias. Ainda segundo a autora, o caminhar, assim como a arte, pode ampliar a reflexão sobre a vida e desenvolver uma capacidade poética e lúdica. Caminhando, estamos livres para observar as coisas que mais nos interessam. Com tranqüilidade podemos conciliar o movimento do nosso corpo com as exigências da mente; sendo assim, torna-se um instrumento importante para o desenvolvimento da educação ambiental.

PROPOSTA DE UMA TRILHA URBANA EM LONDRINA

Tomando consciência da importância da educação ambiental nos diferentes níveis da educação formal e informal, partiu-se para a elaboração de um projeto que se orientasse neste objetivo. Baseados na percepção, buscando a interdisciplinaridade e esperando a sensibilização, busca-se uma abordagem holística e ecológica que leve o participante a desenvolver uma visão global do meio ambiente, onde a relação entre ar, água, solo, fauna, flora e homem, seja de integração.

A “Trilha da Mata” possui extensão aproximada de 2.500 metros (**figura 1**). A maior parte de seu percurso ocorre em campo aberto, sendo um pequeno trecho em mata nativa. Segue, em direção a jusante, o ribeirão Cambé até o Lago Igapó IV, onde é feita a travessia do ribeirão por uma ponte de madeira.

A trilha tem seu início próximo à nascente do córrego da Mata, localizada em mata nativa, aos fundos da Cooperativa Central Agroindustrial CONFEPAR. O córrego da Mata é um afluente de primeira ordem do Ribeirão Cambé, que deságua no lago Igapó. O Percurso passa pelas margens da Rua Armando Balarotti, no Jardim Versalhes, e continua, sempre, acompanhando o curso descendente (**figura 2**) do ribeirão Cambé, passando às margens da Avenida Presidente Castelo Branco e seguindo em direção ao Parque Ecológico Antonio Vilela de Magalhães, no Lago Igapó IV (**figura 3**).

Nesta área existem nascentes que criam, em determinados locais, brejos importantes para a fauna e flora locais e ótimos pontos para a sensibilização quanto à importância da conservação da natureza.

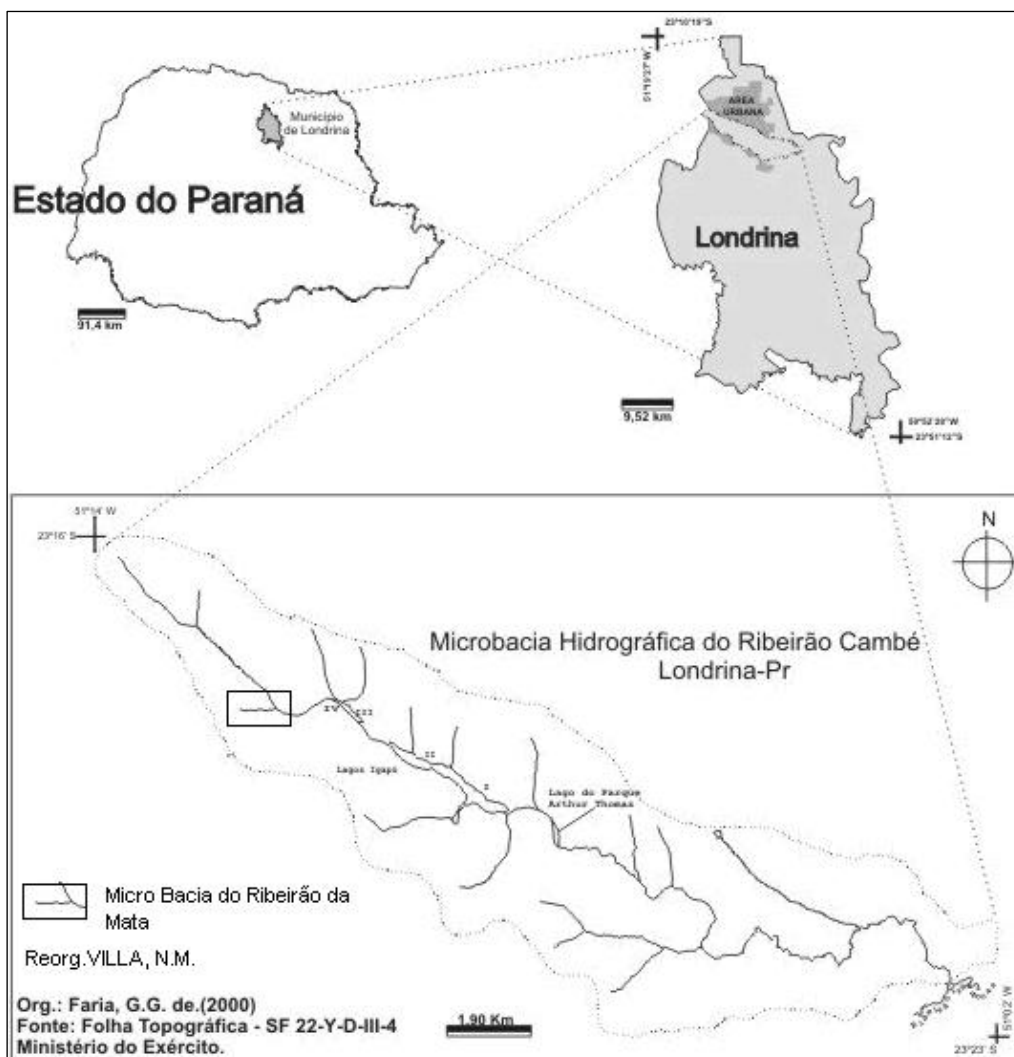


Figura 1 - Localização do córrego da Mata na micro-bacia do ribeirão Cambé. Fonte: Faria (2005)

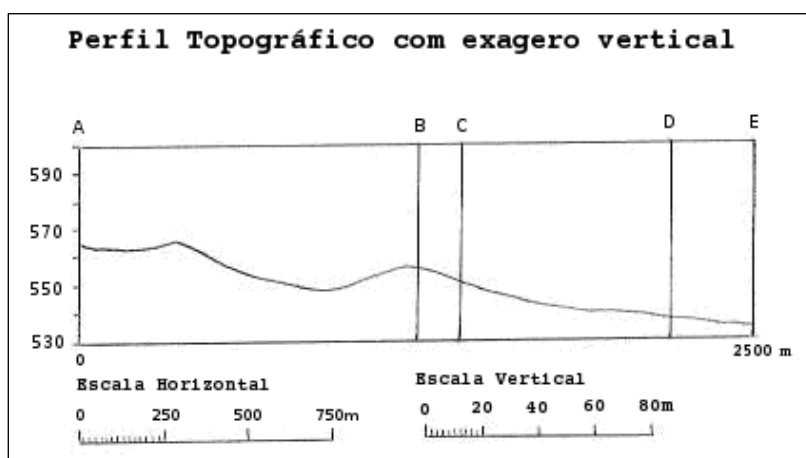


Figura 2 - Perfil topográfico do Córrego da Mata. Nota-se uma declividade compatível com trilha moderada. Fonte: França (2002).



Figura 3 - Avenida Presidente Castelo Branco.

A distância percorrida desde o início da Trilha da Mata até a cascata formada no ribeirão Cambé, é de aproximadamente 1.500 metros (**figura 4 e 5**).



Figura 4 - Trajeto da trilha e demarcação do ponto onde se localiza a cascata. Fonte: França (2009).



Figura 5 - Cascata no Ribeirão Cambé.

Após a cascata, a referida trilha segue margeando a avenida Presidente Castelo Branco, sempre seguindo o curso do ribeirão Cambé, até a entrada do trecho dentro da mata nativa que margeia o ribeirão. A distância até a entrada da mata é de aproximadamente 600 metros.

O percurso dentro da mata segue até o ponto final da trilha da Mata, com aproximadamente 400 metros de caminhada, no Parque Ecológico Antonio Vilela de Magalhães, às margens do Lago Igapó IV, onde pode se fazer uma parada para descanso, lanche e atividades de conscientização (**figuras 6 e 7**).



Figura 6 - Percurso dentro da mata.



Figura 7 - Percurso final da trilha.



Figura 8 - Ponte sobre o Ribeirão Cambé-Lago Igapó IV.

O local em que se imagina ser bom para as atividades lúdicas é bastante plano, possui um parque que, apesar de mal conservado, também pode garantir bons momentos de diversão (**figura 8**). Assim as atividades de sensibilização irão contribuir para a reflexão dos participantes sobre as questões ambientais.

As atividades de sensibilização: resgatando valores

Além da caminhada, há opção para algumas atividades lúdicas que podem ser desenvolvidas no local. Algumas atividades foram testadas em um grupo experimental e obtiveram-se respostas satisfatórias.

Por estarmos tão mergulhados na vida moderna, urbana, mecanizada, individual, acabamos perdendo o canal de comunicação que nos liga à natureza. Perante espetáculos grandiosos da natureza, conseguimos parar apenas alguns minutos, o suficiente para dizer algo ou para tirar fotos. É difícil resgatar a percepção de que pertencemos ao mundo natural, se vivemos numa sociedade em que prevalece tudo o que é contrário ao sentido restaurador do indivíduo e da natureza (MATSUSHIMA, 1991). Para satisfazer nossas “necessidades” de consumo, nós a transformamos em simples recursos, para utilizarmos hoje ou no futuro.

Segundo Boff, (1995, p. 22), o estado do mundo está relacionado ao estado de nossas mentes:

[...] Se o mundo está doente é indício de que nossa psique também está doente. Há agressões contra a natureza e vontade de dominação porque dentro do ser humano funcionam visões, arquétipos, emoções que levam a exclusões e a violências. Existe uma ecologia interior bem como uma ecologia exterior que se condicionam mutuamente.

O ser humano é capaz de transformar-se e transformar a sua realidade, pois é um ser de ação e relação, não podendo ser considerado fora de suas relações com os outros e com o mundo. Para se trabalhar, metodologicamente a educação ambiental, temos que nos basear na participação, que se dá nas mais variadas formas e níveis. Segundo Ribeiro (1996), esta participação “não se dá de forma espontânea, mas a partir do aprendizado, principalmente resgatando-se valores humanos como solidariedade, ética, respeito pela vida, responsabilidade, honestidade, amizade, altruísmo, entre outros”.

Um dos principais objetivos da educação ambiental consiste em permitir que o ser humano compreenda a natureza complexa do meio ambiente resultante de suas interações, levando-o a uma ação reflexiva.

Numa visão humanista, a educação ambiental deve ser abordada na perspectiva da experiência humana, entendendo experiência como “termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade.” (TUAN, 1980). Para Tuan, a experiência implica na capacidade de aprender a partir da própria vivência, significa atuar sobre o dado e criar a partir dele. O dado não pode ser conhecido em sua essência, o que pode ser conhecido é uma realidade construída através da experiência, da criação de sentimentos e pensamentos.

A sensibilização pode ser desenvolvida através da vivência ou da experiência. Considera-se um indivíduo sensibilizado quando se emociona pelo objeto e, através das informações recebidas, redireciona (repensa) suas atitudes e ações de forma a manter o equilíbrio sincrônico do meio em que vive. Para tanto, é importante ressaltar que sensibilizar é cativar os participantes para que suas mentes se tornem receptivas às informações a serem transmitidas posteriormente, sendo esta a primeira etapa a ser implementada num processo de sensibilização.

É preciso entender que as atividades de sensibilização são de atitudes primordiais e que proporcionam a participação e ação dos envolvidos, devendo ser utilizadas; porém, respeitando-se uma série de elementos: afinidades de interesses, organização, objetivos, tipo e tamanho do grupo, espaço e tempo disponíveis, momento, recursos, entre outros. Deverão ser diagnosticados, também, os fatores psicossociais, éticos, culturais, históricos e políticos do grupo com o qual se está trabalhando. Também poderão ser utilizadas atividades para inspirar atitudes conscientes e sintonizar pessoas que trabalham em grupo, que possuem experiências e pontos de vista diferentes, mas compartilham de um mesmo propósito e processo de desenvolvimento.

Durante o momento de participação em atividades lúdicas, os participantes poderão expor suas vivências, relatando o que sentiram durante as atividades. A sensibilização permite perceber o valor de gestos e atitudes e, isso normalmente, permite que se vivencie de um notável bem-estar que será melhor compreendido através da experiência em si.

A partir da reflexão, o orientador observará se os relatos dos participantes fazem parte dos objetivos propostos pela atividade de sensibilização, permitindo observar se os mesmos foram ou não atingidos. Pessoas não sensibilizadas são, de certo modo, “indiferentes” à realidade que as cerca. Por outro lado, pessoas sensibilizadas são capazes de criar, recriar e ir além; construir e reconstruir.

Todos os elementos existentes no meio ambiente são importantes e merecedores de respeito. Embora muitos elementos possam parecer insignificantes, cada um deles possui a sua função dentro do sistema e é de fundamental importância para a manutenção do equilíbrio.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, W. J. ; ROCHA L. M. **Planejamento, implantação e manutenção de trilhas interpretativas**: manual para capacitação em manejo de Unidades de Conservação. Fundo Nacional do Meio Ambiente, MMA. São Paulo: Sociedade Educativa, Gaia, 1997. p. 34.

- ARAÚJO, R. S. **Micro bacia do ribeirão Cambé em Londrina (PR)**: Levantamento ambiental utilizando técnicas de geoprocessamento e sensoramento remoto. 2004. Monografia (Bacharelado em Geografia) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina.
- BIGARELLA, J. J. Esboço das relações entre o relevo topográfico e a estrutura geológica do estado do Paraná. **Boletim geográfico**, São Paulo, 1947.
- BOFF, L. **Ecologia**: grito da terra, grito dos pobres. São Paulo: Ática, 1995. p. 34.
- BRUHNS, H. T. Lazer e Meio Ambiente: A natureza como espaço da experiência. **Revista Conexões**, Campinas, n. 3, dez. 1999.
- CAZOTO, J. L.; TOZONI-REIS, M. F. C. Construção coletiva de uma trilha ecológica no cerrado: pesquisa participativa em educação ambiental. **Ciência & Educação**, v. 14, n. 3, 2008.
- CHRISTOFOLETTI, A. **Geomorfologia**. 2 ed. São Paulo: Edgar Blüchler, 1980.
- FARIA, G. G. Caracterização física e análise comparativa das formas de uso e ocupação do solo (1970-1999) na microbacia hidrográfica do ribeirão Cambé, Londrina (PR). **GEOGRAFIA (Londrina)**, Londrina, v. 14, n. 2, jul./dez. 2005.
- HILLMAN, J. **Cidade e Alma**. São Paulo: Studio Nobel, 1993. 173 p.
- LECHNER, L. **Planejamento, Implantação e Manejo de Trilhas em Unidades de Conservação**. Série Cadernos de Conservação. Curitiba: FBPN, 2006.
- LONDRINA. **Perfil do município de Londrina**, Secretaria de Planejamento da Prefeitura Municipal de Londrina. 2007 (Ano-Base 2006).
- MAACK, R. **Geografia Física do Estado do Paraná**. 3 ed. Curitiba: M. Roesner, 2002.
- MACIEL, J. L.; WACHHOLZ, C. B.; ALMINHANA, C. O.; BITAR, P. G.; MUHLE, R. P. Trilhas ecológicas como ferramentas para educação ambiental nos parques de Porto Alegre. **REVISTA EGP**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, jan./jun. 2010.
- MATSUSHIMA, K. Dilema contemporâneo e educação ambiental: uma abordagem arquetípica e holística. **Em Aberto**, Brasília, v. 10, n. 49, 1991.
- MOORE, G. A. **Manual para la capacitación del personal de áreas protegidas**. 2 ed. Washington: Matinal Park Service, 1993.
- RIBEIRO, C. G. **Atividades de sensibilização em educação ambiental**. Grupo de Estudos de Educação Ambiental, Curitiba: Universidade Livre do Meio Ambiente, 1996.
- TRISTÃO, V. T. V. Educação ambiental não formal em parques. **Pesquisa em Debate**, v. 5, n. 1, jan./jun. 2008.
- TUAN, Yi-Fu. **Topologia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980, p. 282.

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

TORRES, Eloiza Cristiane; BERTOLINO, Maria Inês; VILLA, Natália Micheli. Trilha urbana no córrego da Mata em Londrina (PR). **Geografia (Londrina)**, Londrina, v. 20, n. 2, p. 201-214, maio/ago. 2011. URL: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia>>

EDITOR DE SEÇÃO:

Edison Archela

TRAMITAÇÃO DO ARTIGO:

✓ Recebido em 13/09/2010

✓ Aceito para publicação em 18/03/2012